

Abrigos e esconderijos



Proteger seus filhotes nos primeiros dias, semanas ou meses de vida é uma das principais preocupações

de qualquer mãe da fauna brasileira e até de uma boa parte dos pais. Especialmente quando a família costuma ficar exposta aos humores do tempo e aos predadores durante quase toda a vida. Prover alimento dá muito trabalho e exige muita energia, sem dúvida, mas não é suficiente para assegurar o sucesso das novas gerações. É preciso providenciar abrigos para a prole e, em alguns casos, até esconderijos.

Se a necessidade de proteger os pequenos é comum, porém, a forma de garantir essa proteção varia imensamente entre as espécies. Alguns casais são habilidosos e constroem casinhas com esmero, protegidas do vento e da

O surucuá faz ninho em cupinzeiro abandonado (acima); algumas aves nidificam sobre um amontoado de gravetos e o tucano prefere o aconchegante toco da árvore (à dir.)

chuva. O exemplo mais conhecido nesta categoria é o do João-de-Barro e sua 'senhora', que trabalham juntos na pequena obra e depois ainda a deixam em condições de ser aproveitada por outras aves – como andorinhas, canários, pardais e tuins – e mesmo por abelhas indígenas, que selam a entrada com cera, deixando só um tubo para sua passagem.

Mas a generosidade do casal de João-de-Barro não é exceção, ainda que os materiais de construção variem. Diversas outras aves também constroem abrigos 'reutilizáveis', algumas vezes ocupados por lagartixas, cobras, rãs ou ratinhos silvestres. E o inverso também ocorre: os surucuás, por exemplo, ocupam cupinzeiros ou vespeiros abandonados como ninho.

Entre as aves existem muitas espécies caprichosas, capazes de empregar um bom tempo e bastante energia na construção do futuro lar, mesmo se é para durar só uma primavera. É o caso do bate-bico, que amarra seu ninho ovalado em talos de taboa, nos brejos, acima do nível máximo da água. A obra leva folhas verdes de pipiriri firmemente tecidas e depois rebocadas com lama, obtendo, ao secar, uma consistência de cartolina.

No mundo dos anfíbios, a arte de fazer um bom ninho de barro, cuidadosamente moldado, chega a ser condição pré-nupcial: o sapo-ferreiro fabrica o futuro lar, a fêmea inspeciona os mínimos detalhes e, enquanto não considera a obra segura para seus filhotes, nada de acasalar. Para outros sapos, rãs e pererecas, a proteção é assegurada por uma espuma ou um tipo de gelatina que envolve os ovos e eventualmente os fixa na vegetação aquática. Ou uma folha dobrada, pendendo sobre o corpo d'água, para onde os girinos escorregam ao eclodir.

Às vezes, aves e mamíferos investem em 'apartamentos' escavados em barrancos de terra, tendo túneis como entrada, com a opção de serem ou não revestidos internamente, para melhor isolamento térmico, e serem ou não forrados com penas ou pelos dos próprios pais, para maior conforto dos pequenos.

A alternativa dos subterrâneos serve tanto a animais com habilidade para cavar – como cachorros, raposas, furões, lontras e tatus – como àqueles com argumentos convincentes – dentes e garras, sobretudo – para se instalar em tocas alheias.

Há também, claro, uma gama enorme de ninhos e



RUDIMAR MARIOSO CIPRIANI



O ninho do tuiuiú
é um 'sobrado'.
Já a toca da
ariranha fica
escondida na base
do barranco
(à dir.)



dormitórios feitos com gravetos, dos gigantescos dúplex dos tuiuiús – cujo andar de baixo é reservado às caturritas – aos delicados conezinhos forrados com paina dos beija-flores, passando pelas resistentes bolsas tecidas pelos japins com fibras de palmeiras. Amontoados de gravetos e folhas servem ainda para esconder com eficiência os filhotes de mamíferos, embora não sejam tão bem entrelaçados quanto os ninhos de aves. Assim é, por exemplo, com os labirintos de beira-rio dos ratões-do-banhado, os arranjos no alto das árvores feitos para as crias de quati e os bem disfarçados emaranhados de capim do Cerrado, ajitados pelas fêmeas de lobo-guará.

Já os ocos de árvores são um caso especial. Além de bem protegidos, são aconchegantes, porque a madeira do tronco deixa a chuva e o vento de fora sem ser fria como a terra ou as rochas. E são multiuso, porque a própria árvore muitas vezes também tem goma, néctar, frutos ou sementes para alimentar a família.

Nos ocos maiores, nascem e vivem sua

primeira infância os filhotes de ouriços-cacheiros, guaxinins, juparás, micos, saguis, macacos-da-noite e mesmo gatos-do-mato. Entre as aves, os ocos são ninhos para araras, periquitos, corujas, tucanos, arapaçus e, claro, pica-paus, entre muitos outros. Os animais maiores usam tocos de árvores velhas, apodrecidas ou parcialmente consumidas pelo fogo ou ocos naturais, de espécies que crescem com uma conformação favorável aos inquilinos. Os animais menores ocupam buracos feitos pelos carpinteiros da floresta – os pica-paus – ou alargados pelo bico forte dos psitacídeos, sem que a árvore esteja necessariamente morta.

O tamanho da entrada pode ser determinante para a sobrevivência dos filhotes, pois muitos predadores caçam refeições nos ocos, sabendo que costumam estar 'recheados'. A melhor combinação costuma ser uma entrada justa – suficiente apenas para passar um morador de cada vez – e um oco profundo, que deixe os filhotes fora do alcance dos bicos ou das garras dos predadores.

LUANA JOHN

